



REVISTA
TERCEIRO INCLUÍDO

ISSN 2237-079X

Transdisciplinaridade e Temas Contemporâneos

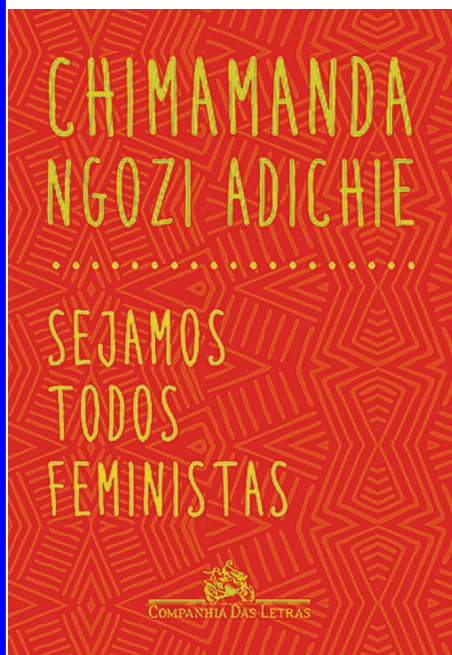
V. 12 - 2022

SANTOS, Zidelmar
Sejamos todos feministas
pp.123-125
RESENHA

Sejamos todos feministas

Zidelmar SANTOS¹

RESENHA: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



A nigeriana Chimamada Ngozi Adichie tem se destacado como umas das mais importantes escritoras africanas da atualidade. Sua obra já foi traduzida para mais de 30 idiomas. Muito desse sucesso deve-se à sua militância e por sua obra propor uma ruptura com a concepção de uma África única marcada exclusivamente pela miséria e violência, estereótipos cristalizados pela cultura ocidental.

As questões da identidade, da nacionalidade, o racismo, o preconceito, a violência de gênero, a diáspora, bem como a imigração para os Estados Unidos em busca do “sonho americano”, são problemas destacados pela escritora, o que demonstra o forte impacto que o colonialismo exerceu em sua produção literária.

Em *Sejamos todos feministas*, versão modificada de uma palestra proferida pela escritora em 2012 no evento TEDxEuston, Chimamanda aborda a questão de gênero na Nigéria a partir de sua própria experiência naquele país. Na Nigéria, a mulher é tratada de maneira desigual em praticamente todos os aspectos daquela sociedade, independente de possuir alguma posição de destaque em relação aos membros homens de sua família.

Segundo a escritora, o feminismo é visto como um elemento que corrompe o status quo, ameaçando a tradição e a cultura local. E é, de certa forma, combatido pelas pessoas que deveriam dar espaço para o diálogo e debate sobre o tema. Adichie salienta, por exemplo, que “uma professora universitária nigeriana veio me dizer que o feminismo não fazia parte da nossa cultura, que era antiafricano, e que, se eu me considerava feminista, era porque havia sido corrompida pelos livros ocidentais” (ADICHIE, 2015, p. 13).

A autora ilustra o caráter negativo que o termo possui em seu país de origem: “a feminista odeia os homens, odeia sutiã, odeia a cultura africana, acha que as mulheres devem mandar nos homens; ela não se pinta, não se depila, está sempre zangada, não tem senso de humor, não usa desodorante”. (ADICHIE, 2015, p. 13). Dá exemplos de como isso sempre a afetou desde quando criança até quando já adulta, observava a forma como era tratada quando saía com algum amigo: o garçom sempre cumprimenta “ele”, o flanelinha sempre agradece “ele”, mesmo sendo ela a dar a gorjeta.

¹ Doutorando e Mestre em Letras (2019) pela UESC, Ilhéus Bahia. É Licenciado (2011) e Especialista (2014) em História do Brasil pela mesma instituição.

As diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho também são abordadas pela autora, que propõe uma mudança, pois “nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar”. O impacto dessas diferenças de tratamento chama a atenção na fala da autora, que problematiza a questão do ensinamento dado a meninas e meninos. As meninas, por exemplo, são educadas para o casamento. Os meninos não. O feminismo é visto, desta maneira, como “uma ameaça - a destruição de um casamento, a possibilidade de acabar não se casando - levantada contra as mulheres na nossa sociedade com uma frequência muito maior do que contra os homens” (ADICHIE, 2015, p. 36).

Para a escritora, a maneira como as crianças são criadas é a chave para a mudança no comportamento das pessoas acerca da questão de gênero. Na Nigéria, a noção de masculinidade, por exemplo, é ensinada aos homens ainda pequenos e o papel de submissão da mulher também. O resultado é que, “em nossa sociedade, a mulher de certa idade que ainda não se casou se enxerga como uma fracassada. Já o homem, se permanece solteiro, é porque não teve tempo de fazer sua escolha” (ADICHIE, 2015, p. 42).

Outras questões também são tocadas pela escritora: a rivalidade entre mulheres em busca de casamento, a virgindade, o estupro, a desigualdade salarial entre homens e mulheres, a aparência, dentre outras. A autora questiona a relação entre cultura e subordinação da mulher:

Tem gente que diz que a mulher é subordinada ao homem porque isso faz parte da nossa cultura. Mas a cultura está sempre em transformação. Tenho duas sobrinhas gêmeas e lindas de quinze anos. Se tivessem nascido há cem anos, teriam sido assassinadas: há cem anos, a cultura Igbo considerava o nascimento de gêmeos como um mau presságio. Hoje essa prática é impensável para nós.

Para quê serve a cultura? A cultura funciona, afinal de contas, para preservar e dar continuidade a um povo (ADICHIE, 2015, p. 63-64).

Apesar desse progresso, contudo, Chimamanda Adichie revela que, em relação a seus irmãos, embora ela seja a mais interessada nas questões culturais, ancestrais e tradições familiares, é excluída das decisões e reuniões familiares, pois apenas os membros homens da família “podem participar das reuniões em que as decisões familiares mais importantes são tomadas” (ADICHIE, 2015, p. 64-65). A escritora conclui convocando mais mulheres ao uso da palavra “feminista”, chamando também os homens para a causa já que todos “temos que melhorar”.

Embora seja um texto curto, as palavras da escritora nigeriana Chimamanda Adichie levam o leitor a refletir sobre o tema proposto de maneira clara e objetiva. Mais que isso: apresentam aspectos culturais da Nigéria de modo a desmistificar as imagens projetadas pelo ocidente para aquela realidade.

Isso lembra-nos outra palestra/publicação intitulada O perigo de uma história única (ADICHIE, 2019), onde a escritora alerta para o perigo de se comprar a narrativa midiática que transmite sempre a mesma história de pobreza, violência e exotismo para a África, como se o continente fosse um único país. Essa narrativa estereotipada é tão veiculada que acaba sendo a única imagem que diversas pessoas pelo mundo têm do continente africano, visto que ela desconsidera toda

a riqueza e diversidade cultural das populações africanas.

Chimamanda Ngozi Adichie, por meio de sua obra literária, a exemplo de *Hibisco roxo*; *Meio sol amarelo*; e *No seu pescoço*, combate essa visão deturpada da África, motivo pelo qual sua leitura e discussão deve continuar dentro e fora do âmbito acadêmico, pois permite aos leitores perceberem aquilo que deve ser a função primária da literatura, principalmente em tempos autoritários: combater as injustiças sociais. Cabe a nós espalhar essa mensagem.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução de: Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.